

BERNARDO JEROSCH HEROLD

Centro de Química Estrutural do Instituto Superior Técnico
Universidade de Lisboa

e

Academia das Ciências de Lisboa

EMPRESÁRIOS E TÉCNICOS ALEMÃES RESIDENTES EM LISBOA E A GRANDE GUERRA DE 1914-1918

2.º COLÓQUIO

SOBRE

A GRANDE GUERRA

DE 1914-1918

11 DE NOVEMBRO DE 2016



**ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA**

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

EMPRESÁRIOS E TÉCNICOS ALEMÃES RESIDENTES EM LISBOA E A GRANDE GUERRA DE 1914-1918

AUTOR

Bernardo Jerosch Herold

EDITOR

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EDIÇÃO E REVISÃO

Ana Salgado

ISBN

978-972-623-336-7

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa
R. Academia das Ciências, 19
1249-122 LISBOA
Telefone: 213219730
Correio eletrónico: geral@acad-ciencias.pt
Internet: www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2017
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor.

Empresários e técnicos alemães residentes em Lisboa e a Grande Guerra de 1914-1918¹

Bernardo Jerosch Herold
Centro de Química Estrutural do Instituto Superior Técnico
Universidade de Lisboa
e Academia das Ciências de Lisboa

Nos anos anteriores a 1916, a comunidade alemã em Lisboa desempenhava um papel importante na economia portuguesa. Em consequência da entrada de Portugal na Grande Guerra, os alemães e seus descendentes foram expulsos e os seus bens confiscados pelo Estado. Apresentam-se alguns casos representativos de empresários e técnicos que, juntamente com as suas famílias, foram atingidos por estas medidas.

Introdução

Ao recordar a participação de Portugal na Grande Guerra (1914-1918), não é descabido relatar as consequências que o estado de guerra entre Portugal e a Alemanha teve para os empresários e técnicos alemães residentes à época em Portugal. Quase todos foram forçados a se exilarem, deixando para trás as suas propriedades, que foram confiscadas pelo Estado como bens inimigos². Muitos destes empresários tinham contribuído significativamente para o funcionamento e desenvolvimento da economia em Portugal^{3,4}.

¹ Comunicação proferida no 2.º Colóquio sobre a Grande Guerra de 1914-1918, na Academia das Ciências de Lisboa, realizado a 11 de novembro de 2016.

² FRANCO, 2011; RIBEIRO DE MENESES, 2015.

³ NEVES, 2007.

⁴ Embora se saiba que essa contribuição fora importante, não é possível quantificá-la sob a forma, por exemplo, da percentagem do produto interno bruto nacional que representava. Um projeto de investigação dessa questão envolveria uma pesquisa muito trabalhosa nos mais diversos arquivos, além de exigir uma estimativa razoavelmente fidedigna do produto interno bruto de Portugal naquela época. Nada disto me teria sido possível preparar a tempo de ser apresentado neste simpósio sobre a Grande Guerra de 1914-1918, embora fosse interessante poder avaliar melhor esta particular consequência da guerra na economia portuguesa.

Em lugar de tentar descrever as empresas apreendidas, limito-me a apresentar um conjunto significativo de empresários e técnicos alemães residentes em Lisboa nos últimos anos que precederam a entrada de Portugal na guerra em 1916.

A cobertura limita-se aos casos em que me foi fácil aceder a alguma informação, quer através da tradição oral familiar quer através de alguma documentação que acidentalmente me veio parar à mão ao longo dos anos. Um apoio importante, que me ajudou a desenvolver este tema, é uma fotografia (*Fig. 1*) dum grupo de alemães reunidos numa homenagem ao ministro alemão Friedrich Rosen⁵.



Fig. 1 – Jantar de homenagem do Clube Alemão a Dr. Friedrich Rosen, ministro alemão. Fotografia de autor desconhecido. Cortesia da Igreja Evangélica Alemã de Lisboa, Arquivo Katzenstein

Servir-me desta fotografia como base da presente apresentação encerra, porém, em si própria uma limitação a um grupo de pessoas residentes em Lisboa. Isso levou-me a não incluir os residentes no Norte de Portugal dos quais basta citar os apelidos Burmester e Klaus para exemplificar a sua importância na economia nacional, nestes dois casos através da produção de vinhos do Porto e de cosméticos respetivamente. Outro membro notável da comunidade alemã no Porto que não se devia esquecer no contexto alargado deste tema seria Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851–1925), exímia romanista, crítica literária, escritora e lexicógrafa germano-portuguesa que também figurou entre aquelas pessoas que foram ameaçadas de expulsão, embora esta não se tenha concretizado⁶. A limitação a uma elite de empresários e técnicos também deixou

⁵ Esta fotografia já veio reproduzida em STRASEN – A. GÂNDARA, 1944 e em SCHICKERT – DENK, 2010.

⁶ DELILLE, 2013.

de fora os alemães das camadas mais jovens em idade militar, dos quais algumas dezenas foram internados na Ilha Terceira⁷, tendo muitos outros abandonado Portugal, logo depois do início da guerra em 1914, para se oferecerem voluntariamente a combater pela sua pátria alemã⁸.

Declaração de guerra do império alemão e medidas do governo de Portugal relativas aos residentes alemães e aos seus bens

A declaração de guerra do 2.º Império Alemão foi entregue a 9 de março de 1916 pelo enviado extraordinário e ministro plenipotenciário Friedrich Rosen (1856-1935)^{9,10}, terminando assim a sua missão em Portugal que iniciara em 1913. Rosen, embora naturalmente revoltado e adverso à política hostil do governo português, não deixou de manifestar o seu apreço por Portugal, a sua admiração pela cultura e por aquilo que designou por «cordialidade portuguesa» que sentira nos seus contactos com a população. Era um homem extremamente culto com uma carreira diplomática brilhante, mas que ficou mais conhecido para a posteridade como orientalista e tradutor das quadras de Omar Chayyam (1048-1131), o célebre matemático, astrónomo, astrólogo, filósofo e poeta persa. Os capítulos da autobiografia de Rosen relativos à sua estada em Lisboa de 1912 a 1916¹¹ estão presentemente a ser traduzidos. Espero que este olhar alemão sobre o Portugal daquela época contribua para aprofundar o conhecimento dos precedentes da entrada de Portugal na guerra.

Rosen integrou-se também na vida da comunidade («colónia» como se dizia) alemã de Lisboa. Além da sua autobiografia, temos disso o testemunho da já citada fotografia (*Fig. 1*) dum jantar de homenagem oferecido pelo Clube Alemão na sua sede no Pátio do Pimenta, número 2, na freguesia da Misericórdia, numa data desconhecida situada entre 1912 e 1914. Estão aí retratados os maiores comerciantes e industriais alemães residentes em Lisboa, além de outros convivas com posições de destaque na comunidade alemã.

As pessoas que aí figuram ficaram todas sujeitas, a partir de 1916, às seguintes determinações decretadas pelo governo de Portugal: a 21 de abril de 1916, isto é, quarenta e três dias após a declaração de guerra, foi publicado o decreto 2350 que mandou todos os súbditos alemães de ambos os sexos sair pela fronteira terrestre no prazo de cinco dias, salvo os mancebos entre os dezasseis e os quarenta e cinco anos que seriam internados na Ilha Terceira. A 4 de Maio, o decreto 2366 cria a intendência dos bens inimigos sequestrados.

⁷ CASTRO, 2014.

⁸ PACHECO, 2014.

⁹ RIBEIRO DE MENESES, 2015.

¹⁰ Um resumo da biografia de Rosen foi apresentado no 1.º Colóquio sobre a Grande Guerra de 1914–1918 da Academia das Ciências de Lisboa: HEROLD, 2016.

¹¹ ROSEN, 1932.

Estes decretos são apenas dois dos numerosos diplomas relativos ao estado de guerra e à condição jurídica dos súbditos inimigos. O tema das desnacionalizações ocorridas nessa altura foi tratado recentemente pela historiadora Manuela Franco e, por isso, não vai ser desenvolvido no presente ensaio. Convém, no entanto, reter do seu trabalho que, da comparação com as medidas semelhantes tomadas pelos governos da França e da Grã-Bretanha, resulta que Portugal ainda foi mais longe que estes, sobretudo na espoliação dos bens dos estrangeiros inimigos¹².

A fotografia «antes da tempestade»

Em data desconhecida entre 1912 e 1914, o Clube Alemão em Lisboa ofereceu um jantar ao ministro alemão Friedrich Rosen. Nesse jantar estiveram reunidos os principais expoentes da «colónia alemã»¹³, incluindo quase todos os donos das maiores empresas industriais e comerciais em mãos de alemães residentes em Lisboa. A existência de um original duma fotografia (*Fig. 1*) deste grupo no Arquivo Katzenstein, à guarda da Igreja Evangélica Alemã de Lisboa permitiu, com a autorização graciosa da mesma, uma digitalização e a ampliação de recortes com os retratos das pessoas que mais interessam referir no presente ensaio.

Na primeira fila ao centro está sentado o enviado especial e ministro plenipotenciário do Império Alemão, Dr. Friedrich Rosen (*Fig. 2*).



Fig. 2 – Dr. Friedrich Rosen

¹² FRANCO 2011, pp. 245–265.

¹³ Hoje dir-se-ia «comunidade», em lugar de «colónia, para se afastar qualquer ideia de dominação.

No primeiro e terceiro lugar à sua direita encontram-se os irmãos Georg Jerosch (Wormditt, Prússia 1849–Lisboa 1931) (*Fig. 3*)¹⁴ e Carl Jerosch (Köslin, Prússia 1857–Lisboa 1923) (*Fig. 4*), proprietários da empresa O. Herold & Cie., em sociedade com Oswald Becken, representante da mesma em Madrid¹⁵.



Fig. 3 – Georg Jerosch



Fig. 4 – Carl Jerosch

Os principais negócios dessa firma Herold¹⁶ eram a importação de carvão mineral (do País de Gales), adubos químicos e maquinaria, a fabricação e exportação de prancha e rolas de cortiça e a exportação de sal. Possuía fábricas de cortiça no Barreiro, Sines e Vendas Novas, bem como entrepostos em Odemira e Montemor-o-Novo. Também tinha filiais em Hamburgo e Madrid. A venda de adubos químicos era acompanhada do aconselhamento dos agricultores através publicação duma revista técnica de agricultura «O Fertilizador». A firma mandava analisar as amostras de terra enviadas pelos clientes no Laboratório da Estação Químico-Agrícola de Lisboa dirigida pelo químico Dr. Hugo Mastbaum que será mencionado mais adiante. Na *Fig. 5* está reproduzida a capa dum guia de adubação¹⁷ distribuído gratuitamente como suplemento a «Fertilizador»¹⁸.

¹⁴ Um manuscrito com as memórias de Georg Jerosch encontra-se no arquivo da família Jerosch-Herold e foi transcrito por Renate Jerosch-Herold (66 páginas A4).

¹⁵ Catálogo O. Herold & Co, Lisboa 1908, 58 páginas no formato 29,7x20,0 cm. Impressão por Druckerei-Gesellschaft Hartung & Co., m.b.H. Hamburg. Arquivo da família Jerosch-Herold.

¹⁶ ALMEIDA, 1998 e NEVES, 2007.

¹⁷ 64 páginas no formato 11,5x18,5 cm. Papelaria e Typographia Santos, Lisboa 1911. Arquivo família Jerosch-Herold.

¹⁸ Outros investimentos dos irmãos Jerosch foram nos Banhos de São Paulo em Lisboa e na fábrica de explosivos do Padre Himalaya em Palhais Concelho do Barreiro (ver RODRIGUES, 1999).

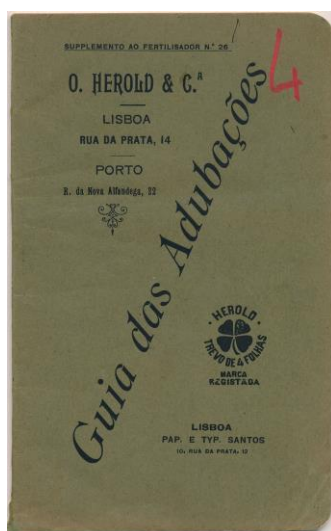


Fig. 6 – Capa do Guia das Adubações

A companhia empregava mais de mil pessoas distribuídas por vários locais do país. O maior número de trabalhadores eram empregados da fábrica de cortiça no Barreiro (*Fig. 7*).



Fig. 7 – Pessoal da fábrica de cortiça Herold no Barreiro. Foto de autor desconhecido no catálogo O. Herold & Co. Lisboa, 1908

Esta fábrica de cortiça era a maior e mais moderna do país, contando, por exemplo, com uma central elétrica própria equipada com um dínamo acionado por um motor Otto a gás pobre aí gerado e com uma rede de distribuição que alimentava os motores elétricos das máquinas-ferramenta. Albrecht von Koss (*Fig. 8*), genro de Georg Jerosch, oficial prussiano na reserva, também presente no jantar, era o seu diretor. A sua formação militar conferira-lhe a necessária competência para organizar e treinar um corpo de bombeiros da Associação de Bombeiros Voluntários Herold que fundou. Como não havia outros bombeiros no Barreiro, estes também combatiam todos os outros incêndios que ocorressem na zona do Barreiro.



Fig. 8 – Albrecht von Koss



Fig. 9 – Corpo dos Bombeiros Voluntários Herold. Foto de autor desconhecido no catálogo O. Herold & Co. Lisboa, 1908

Albrecht von Koss foi mobilizado, logo em 1915, para ser colocado ao serviço do exército alemão como agente secreto junto à legação alemã em Madrid¹⁹. Daí foi enviado em missão para as montanhas de Marrocos controlado pela França, para apoiar o movimento insurrecional de Abdelmalek Ben Mohieddine, retornando a Madrid depois de este falhar em 1916²⁰. Na legação alemã em Madrid deve então ter-se cruzado com o jovem oficial da marinha Wilhelm Canaris (1887–1945), o futuro chefe dos serviços secretos das forças armadas alemãs. Albrecht von Koss ainda se viria a distinguir na frente de combate da Grande Guerra.

A imagem quase idílica da multidão de trabalhadores da fábrica de cortiça não pode levar à suposição que nesta não houvesse problemas laborais.

¹⁹ KAUFFER, 2015.

²⁰ KOSS, 1919 mandou imprimir um caderno com desenhos do interior de Morrocoys em 100 exemplares, um dos quais está conservado no arquivo da família Jerosch-Herold.



Fig. 10 – Corticeiros em greve. Foto de autor desconhecido, Ilustração Portuguesa, 10 de outubro de 1910²¹

Em 1908 os trabalhadores de cortiça entraram em greve, reivindicando que o governo proibisse a exportação de prancha de cortiça. Os principais países importadores de cortiça tinham acabado de onerar com elevados direitos de importação as rolhas e outros artefactos de cortiça. Como resultado, diminuiu o número de postos de trabalho nas fábricas que se tiveram de limitar cada vez mais à exportação de cortiça em prancha. O alvo da greve era por isso mais o governo do que os patrões das empresas, uma vez que, neste caso, os interesses dos empregadores convergiam com os dos operários.

A família Jerosch-Herold, tal como a maioria dos outros empresários alemães que se vão mencionar mais adiante, após o seu exílio forçado, regressou a Lisboa depois da assinatura do tratado de paz de Versalhes e de o governo português ter levantado as sanções aos cidadãos dos países inimigos. Embora não tenha conseguido reparar completamente os danos causados pela guerra, retomou a sua atividade industrial e comercial.

Continuando a estudar a «fotografia antes da tempestade», vemos sentado ao lado esquerdo do ministro Rosen o grande capitalista Martin Weinstein (1864–1917) (*Fig. 11*), industrial de cacau e açúcar, bem como acionista da CUF Companhia União Fabril. Nessa qualidade foi membro do seu conselho de administração entre 1900 e 1915, juntamente com o grande industrial Alfredo da Silva (1871–1942) que desempenhava as funções de administrador-gerente. Foi presidente do conselho de administração de 1913 até se ter ausentado para Madrid em 1915 com problemas de saúde²². Era considerado como sendo o mais rico dos alemães residentes em Portugal.

²¹ Ver também em MÓNICA, 1987.

²² Agradeço penhoradamente à historiadora da ciência, Isabel Cruz, uma investigação feita a meu pedido nos arquivos da CUF.



Fig.11 – Martin Weinstein



Fig. 12 – Ernst Daenhardt



Fig. 13 – Hans Wimmer

Nas memórias do ministro Rosen, este transcreveu num apêndice uma extensa correspondência com o secretário de estado alemão dos assuntos coloniais, a propósito de projetos de investimento na África portuguesa, nomeadamente em Angola²³, em que os irmãos Weinstein são várias vezes mencionados como possíveis parceiros, mas em que eles acabaram por não alinhar. Esses projetos integravam-se numa estratégia de expansão dos interesses alemães, como, por exemplo, através duma ligação da rede ferroviária da colónia alemã do sudoeste africano (hoje Namíbia) a Porto Alexandre (hoje Tômbwa) na costa atlântica do sul de Angola. Este projeto não tinha em conta o interesse de Portugal em ligar Porto Alexandre à povoação de Humbe no interior e não se concretizou, tal como vários outros que foram vistos como estando ao serviço duma penetração alemã nos territórios da África portuguesa contrária aos interesses portugueses. A família Weinstein estava muito bem integrada na sociedade portuguesa da época da monarquia liberal. Isto pode ser ilustrado por um pormenor curioso que recolhi na minha juventude do antigo motorista de Martin Weinstein, a quem chamavam «senhor Rodrigo» e que, mais tarde, seria o motorista da «camioneta» que transportava os alunos da Escola Alemã: Weinstein, em véspera da revolução de 5 de outubro, pôs à disposição da família real o seu automóvel, ordenando ao seu motorista que levasse a rainha D. Amélia, no dia 4 outubro de 1910, do Palácio da Pena a Mafra e daí até à Ericeira²⁴.

Voltando à fotografia, destaca-se no segundo lugar à direita do ministro Rosen Ernst Leopold Daenhardt (1867-1939), cônsul geral do império alemão, descendente duma família alemã radicada em Portugal havia várias gerações, cujos negócios eram de importação e exportação de e para a Alemanha.

No terceiro lugar à esquerda do ministro Rosen está sentado Hans Wimmer (1873-1955), nascido em Lisboa, vice-cônsul geral do império austro-húngaro.²⁵ A firma J. Wimmer e C.^a, entre vários negócios, foi armadora, tendo os seus cinco veleiros sido usados para importar madeiras do Norte da Europa, com relevância para aduelas, para serem usadas em Portugal na fabricação de barris.

²³ ROSEN, 1932.

²⁴ Quando em 1945 D. Amélia visitou Portugal, o senhor Rodrigo foi recebido num encontro que foi emocionante para ambos. O facto de o senhor Rodrigo ter sido um republicano ardente não o impediu de ser um devotado admirador de D. Amélia.

²⁵ KATZENSTEIN, 1951.

Na segunda fila veem-se de pé, em primeiro e terceiro lugar a contar da esquerda, Salomon Stern, negociante e joalheiro, e Leonard Stern, industrial têxtil. A seguir, em quarto lugar está Gustav Adolf Zickermann (1861-1932), fundador, em 1895, da ainda hoje existente Sociedade Zickermann, cujo principal negócio era a importação de equipamento industrial.



Fig. 14 – Salomon Stern



Fig. 15 – Leonard Stern



Fig. 16 – Gustav Zickermann

Na mesma fila, em quinto lugar, está Max Wimmer (1879-1930), cônsul geral do Reino da Suécia, irmão do acima mencionado Hans Wimmer. Segue-se, em sexto lugar o também já mencionado Albrecht von Koss da firma Herold e em sétimo lugar Friedrich Wilhelm Harting (1871-1941), sócio júnior do meu avô materno Otto Marcus (1856-1930) na agência de navegação Marcus & Harting. Essa agência representava a quase totalidade dos armadores alemães²⁶, cujos navios demandavam portos portugueses. Era proprietária de dois rebocadores a operar no porto de Lisboa com os nomes Castor e Pollux.



Fig. 17 – Max Wimmer



Fig. 18 – Wilhelm
Harting



Fig. 19 – Otto Marcus
Foto de autor desconhecido
Arquivo família Jerosch-Herold

Suponho que a razão da ausência de Otto Marcus neste jantar foi encontrar-se em viagem de negócios na Itália. Nos anos anteriores à Grande

²⁶ Além de alguns outros do Norte da Europa.

Guerra, começou a desenvolver-se o turismo de cruzeiros a partir dos portos alemães que depois se dirigiam a portos do Mediterrâneo. Assim a agência Marcus & Harting editou nessa altura em alemão um guia turístico de Lisboa e arredores²⁷ escrito por Otto Marcus²⁸, com numerosas fotografias de Erich Ponto, que era distribuído aos passageiros de passagem por Lisboa. O guia revela um grande afecto do autor por Portugal e os portugueses. O ex-líbris da biblioteca de Otto Marcus reflecte o orgulho, não só na sua identidade como alemão, ao designar-se de *Marcus Civis Germanicus*, mas também na sua condição como hóspede dos portugueses em *Lusitanorum Hospes*. Não se sabe em que medida outros alemães residentes em Lisboa partilhariam em geral estes sentimentos em relação ao país hospedeiro.

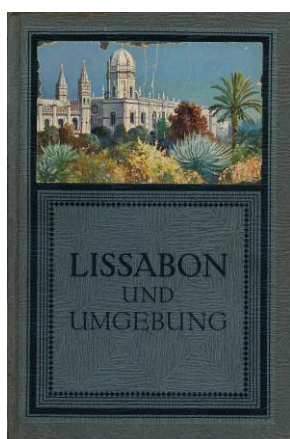


Fig. 20. Capa do guia turístico editado por Marcus & Harting



Fig. 20. Ex-líbris de Otto Marcus

Ainda de pé, na segunda fila, destaca-se o importador e exportador Eduard Katzenstein (1879–1953)²⁹.

Entre os retratados na fotografia de grupo também se encontram alguns que, não sendo empresários, tinham também um estatuto social importante.

²⁷ 156 páginas no formato 12x19cm. Impressão por Druckerei-Gesellschaft Hartung & Co., m.b.H. Hamburg, 1914.

²⁸ MARCUS, 2014.

²⁹ KATZENSTEIN, 1951.



Fig. 21 – Eduard Katzenstein



Fig. 22 – Dr. A. Rosenblatt



Fig. 23 – Dr. Hugo Mastbaum

Entre estes distingue-se, no primeiro lugar da primeira fila a contar da esquerda, o médico Dr. A. Rosenblatt. Este muito respeitado e estimado médico das famílias alemãs residentes em Lisboa era muito admirado pela sua cultura imensa, que lhe permitia discorrer com grande erudição sobre os mais variados temas da literatura e da filosofia. O conhecido escritor alemão neorrealista Hermann Kesten (1900–1996) conheceu-o durante uma viagem que o levou a Lisboa no ano de 1923. Por ter adoecido durante a viagem, foi consultá-lo. Para sua surpresa recebeu uma brilhante lição de filosofia, mas ficou menos satisfeito com o atendimento médico propriamente dito.

Isto levou Kesten a escrever uma pequena novela deliciosa sob o título «Dr. Schatte», em que relata este episódio com imenso humor. Toda a gente que conheceu pessoalmente o Dr. Rosenblatt e leu a novela reconheceu imediatamente que o Dr. Schatte não era mais que uma caricatura irónica, mas apesar disso benevolente do Dr. Rosenblatt³⁰.

Outra personalidade notável que se encontrava entre os convivas é o Dr. Hugo Mastbaum³¹. Este químico alemão (Breslau 1859–Lisboa 1945) doutorou-se na Universidade de Berlim em 1882³², trabalhando aí com o célebre professor Carl Liebermann (1842–1914)³³ e foi recrutado em 1889 pelo ministro das Obras Públicas Emídio Navarro (1844–1905) para dirigir o laboratório da estação químico-agrícola de Lisboa e, mais tarde, trabalhar no laboratório geral de análises químico-fiscais. Depois de voltar do exílio forçado em Espanha, entre 1916 e 1923, regressou para continuar ao serviço do Estado português. Foi autor de numerosas publicações científicas e representou Portugal em comissões e congressos internacionais. Foi sócio correspondente estrangeiro da Academia

³⁰ KESTEN, 1962.

³¹ Agradeço à família Mastbaum a cedência de dados biográficos e a Ignacio Suayma, investigador do Centro Interuniversitário de História da Ciência e da Tecnologia (CIUHCT), os dados recolhidos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

³² Agradeço a W. Schultze do arquivo histórico da Universidade Humboldt de Berlim o acesso ao processo do doutoramento de Hugo Mastbaum.

³³ LIEBERMANN – MASTBAUM, 1881.

das Ciências de Lisboa e foi agraciado com a cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada. Apesar de assumir sempre a sua identidade alemã, foi em prol de Portugal que desenvolveu toda sua atividade profissional.

Um outro químico alemão entre os convivas é o Dr. Theodor Lehrfeld (1860–1946), proprietário da fábrica de adubos e produtos químicos Henry Bachofen & Co. na Póvoa de Santa Iria, que mais tarde seria vendida à companhia belga Solvay e tomaria o nome de Companhia Soda Póvoa³⁴.



Fig. 24 – Dr. Theodor Lehrfeld



Fig. 25 – Dr. Carl Jerosch-Herold

Além do médico, Dr. Rosenblatt, figura na fotografia o jovem estudante de medicina Carl Jerosch, meu pai. Na altura do jantar devia estar de férias, uma vez que, nessa época, estava a frequentar o curso de medicina na Alemanha. Como em agosto de 1914, no momento em que eclodiu a guerra, se encontrava na Alemanha, foi logo mobilizado, só regressando a Portugal depois da guerra. Serviu primeiro como enfermeiro, na retaguarda de algumas das mais sangrentas batalhas da Grande Guerra. Argumentando que no exército alemão havia muito maior falta de médicos do que de enfermeiros, requereu e conseguiu obter em plena guerra uma licença militar para terminar o seu curso de medicina. Depois de o concluir, regressou às fileiras, já como médico auxiliar. Em 1923 tiraria ao longo de um único ano letivo todas as cadeiras do curso de medicina na Universidade de Coimbra. Praticou medicina em Lisboa, onde foi assistente voluntário do professor de cirurgia Custódio Cabeça (1866–1936), no Hospital de Santa Marta, e foi diretor clínico do Hospital Alemão na Palhavã desde a sua fundação em 1930, também tendo servido como médico escolar da Escola Alemã, desde que esta voltara a funcionar depois da Grande Guerra³⁵.

Quase todas as pessoas na fotografia de grupo estão com um ar que, quando não era grave, era no mínimo solene. A única pessoa com um ar prazenteiro é Richard Eisen (1863–1933). Será por a sua profissão ter sido a de mestre cervejeiro?

³⁴ CRUZ, 2015, pp. 105–107.

³⁵ SCHICKERT – DENK, 2010.



Fig. 26 – Richard Eisen



Fig. 27 – Fábrica de Cerveja Germania na Avenida Almirante Reis

Foto de autor desconhecido

Cortesia da Sociedade Central de Cervejas e Bebidas SCCB

Eisen era o diretor técnico e um dos proprietários da fábrica de cerveja Germania³⁶. Em consequência do sequestro dos bens dos inimigos, a fábrica teve de mudar o seu nome e passou a chamar-se Fábrica de Cerveja Portugália³⁷. Quando lançaram, antes ainda da Grande Guerra, a venda de cerveja de pressão em barris, deram-lhe o nome de «cerveja imperial». Ainda hoje, quem pede em Lisboa que lhe sirvam uma cerveja de pressão, pede «uma imperial»³⁸.

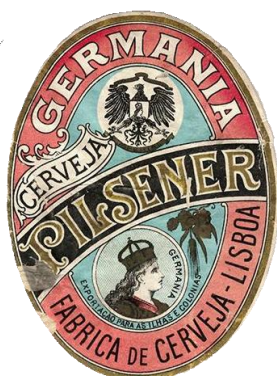


Fig. 28 – Rótulo de garrafa de cerveja Germania

Cortesia da SCCB



Fig. 29 – Frota de distribuição da Fábrica de Cervejas Germania

Foto de autor desconhecido

Cortesia da SCCB

³⁶ Ver programa de televisão recente de Sílvia Alves na RTP, em https://www.rtp.pt/noticias/portugal-na-1-grande-guerra/portugalia_es939129.

³⁷ Agradeço à Sociedade Central de Cervejas e Bebidas (SCCB) em Vialonga, na pessoa da responsável pelo espólio museológico, Paula Portugal, a cedência de digitalizações de fotografias e a autorização de tirar fotografias a uma galera.

³⁸ Se fizer o mesmo no Porto, perguntar-lhe-ão se é de Lisboa.

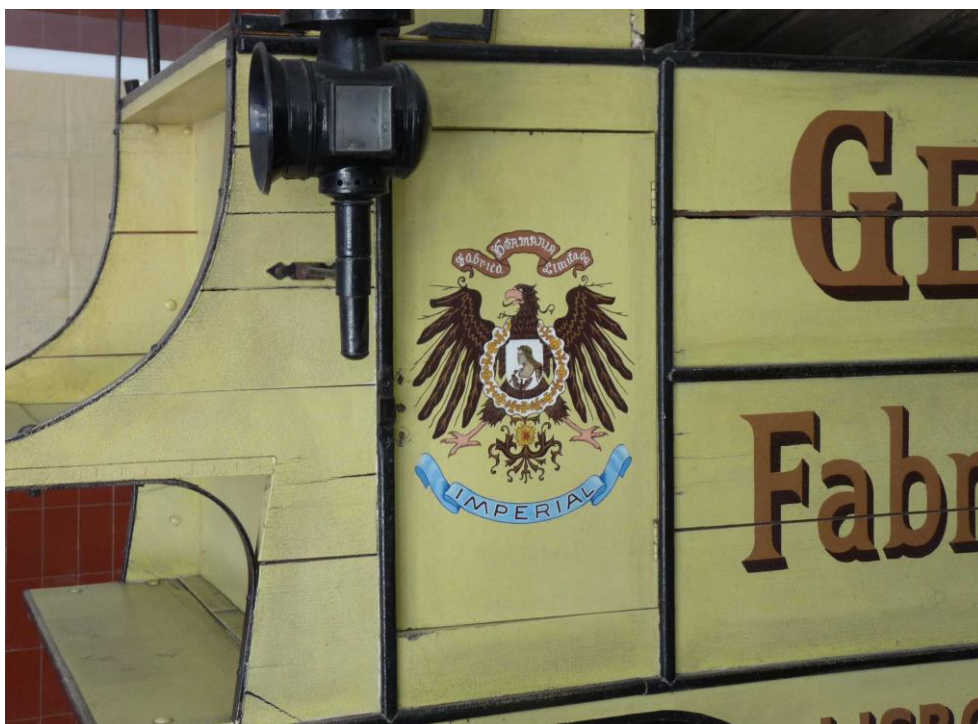


Fig. 29 – Pormenor duma galera de distribuição de cerveja conservada no museu da Sociedade Central de Cervejas e Bebidas em Vialonga que mostra a marca de «Imperial» de cerveja de barril
Foto do autor

O império alemão, juntamente com os impérios austro-húngaro, russo e otomano sucumbiu na Grande Guerra, mas a designação «imperial» continua a sobreviver em Lisboa passado mais de um século. Embora se tenha de reconhecer que, quanto aos impérios, se confirma o adágio *sic transit gloria mundi*, estes sempre vão deixando as suas marcas. Neste caso foi uma marca comercial que deixou de o ser para passar a ser uma designação comum de âmbito regional.

Nesta história de perdas do património de famílias alemãs, por muito duras e injustas que foram vistas pelos atingidos, é preciso reconhecer que, pior do que isso foram as inúmeras perdas de vidas na Grande Guerra. No caso das famílias aqui mencionadas, contam-se os jovens combatentes, como Kurt Eisen, filho de Richard Eisen e, no caso da família Jerosch, meu tio Willi Jerosch (1898–1917).

Os regressos e primeiras conclusões

Quase todos os empresários mencionados no presente ensaio regressaram a Lisboa após a assinatura do tratado de paz de Versalhes. Eles ou os seus descendentes conseguiram vencer os consideráveis obstáculos iniciais que dificultaram a reparação dos danos da guerra e a reativação dos seus negócios. O levantamento pelo Governo português das sanções decretadas em

1916 e as indemnizações negociadas pela diplomacia alemã ao longo da década de 1920 não teriam sido, no entanto, suficientes para restaurar completamente as suas posições anteriores à entrada de Portugal na Grande Guerra. Porém os interesses dos agentes económicos portugueses em restabelecerem a relações comerciais com a Alemanha e estimularem investimentos alemães, bem como a confiança dos bancos portugueses na competência profissional destes empresários foram favoráveis a este processo de recuperação. Os fornecimentos de bens importados da Alemanha, no âmbito das reparações de guerra também os favoreceram.

Não constitui objeto do presente ensaio relatar em pormenor a forma como os empresários foram capazes de reconstruir os seus negócios, se foram bem ou mal indemnizados, bem como os estratagemas e batalhas judiciais travados para reaverem os seus bens. Os relatos orais e os diários dos empresários lesados transmitidos às gerações seguintes contêm naturalmente queixas e acusações que, sendo verídicas ou não, não podem constituir a base exclusiva dum relato histórico que possa reclamar-se de objetivo e imparcial. Além de queixas, também há nestes relatos elogios como, por exemplo, da fidelidade dos empregados portugueses que atuaram como denodados defensores dos direitos dos seus patrões. Os estudos arquivísticos que poderiam confirmar ou infirmar esses juízos ainda não existem. Seria bom que o presente trabalho constituísse um estímulo para futuras investigações nesse sentido.

Bibliografia

ALMEIDA, Ana Nunes de (1998). *A Fábrica e a Família: Famílias Operárias no Barreiro*, Câmara Municipal do Barreiro, 2.^a edição.

CASTRO, Pedro Jorge (2014). «Os Campos de Prisioneiros Alemães» *Sábado*, n.º 510 (6–12 de Fevereiro de 2014) pp. 40–48.

CRUZ, Isabel Maria Neves da (2015). *Da Prática de Química à Química Prática: Desenvolvimento da Prática de Química no Ensino Português*, Universidade de Évora.

DELILLE, Maria Manuela Gouveia (2013). «Carolina Michaëlis e os anos da Grande Guerra». In DELILLE, Maria Manuela Gouveia – CORRÊA-CARDOSO, João Nuno – GREENFIELD, John (coord.), *Carolina Michaëlis e Joaquim de Vasconcelos*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida.

FRANCO, Manuela (2011). «Os Desnacionalizados da 1.^a República». In RIBEIRO DE MENESES, Filipe – AIRES OLIVEIRA, Pedro (coord.), *A 1.^a República Portuguesa: Diplomacia Guerra e Império*, Lisboa, Tinta da China.

HEROLD, Bernardo Jerosch (2016). *Friedrich Rosen, Orientalista, Diplomata e Político*, Academia das Ciências de Lisboa. Acessível em <http://www.acad-ciencias.pt/academia/publicacoes-digitais>.

- KATZENSTEIN, Heinrich (1951). *Os Wimmer de Frankenstein em Portugal*, Lisboa.
- KAUFFER, Rémi (2015). *Histoire Mondiale des Services Secretes*, Paris, Perrin.
- KESTEN, Hermann (1962). «Dr. Schatte» in *Die dreissig Erzählungen von Hermann Kesten*, München, Kindler Verlag, pp. 138–149.
- KOSS, Albrecht von (1919). *Friedliche Skizzen aus dem Inneren Marokkos, aus schwerer Zeit 1915/16*, Madrid, Blass & Co.
- LIEBERMANN, Carl – MASTBAUM, Hugo (1881). «Nachtrag zum Aeskuletin» *Berichte der Deutschen Chemischen Gesellschaft* 14 (1881), pp. 475–478.
- MARCUS, Otto (1914). *Handbuch für Besucher von Lissabon und Umgebung*, Lissabon, Verlag von Marcus & Harting, Lisboa.
- MÓNICA, Maria Filomena (1987). *A Queda da Monarquia: Portugal na Viragem do Século*, Alfragide Publicações D. Quixote.
- NEVES, Pedro José Marto (2007). *Grandes Empresas Industriais de um País Pequeno: Portugal. Da Década de 1880 até à 1.ª Guerra Mundial*. Dissertação Doutoral Instituto de Economia e Gestão (ISEG) da Universidade Técnica de Lisboa.
- PACHECO, João (2014). «Inimigos: Os alemães Portugueses da Baixa». *Visão História*, 25 (setembro 2014), pp. 57– 59.
- RIBEIRO DE MENESES, Filipe (2015). *A Grande Guerra de Afonso Costa*, Alfragide, D. Quixote.
- RODRIGUES, Jacinto (1999). *A Conspiração Solar do Padre Himalaia: Esboço biográfico dum português pioneiro da ecologia*, Porto, Árvore, Cooperativa de Actividades Artísticas.
- ROSEN, Friedrich (1932). *Aus einem diplomatischen Wanderleben*, Bd. 2, Bukarest, Lissabon, Berlin, Transmare Verlag, Berlin 1932. Acessível em <http://menadoc.bibliothek.uni-halle.de/ssg/content/titleinfo/966191>
- SCHICKERT, Gerhard – DENK, Thomas (2010). *A Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa*, Estoril, Irmandade de São Bartolomeu dos Alemães.
- STRASEN, Eduard August – GÂNDARA, Alfredo (1944). *Oito séculos de História Luso-Alemã*, Instituto Ibero-Americano de Berlim, Lisboa.
- VÁROS AUTORES (1970). *Festschrift zur Hundertjahresfeier des Deutschen Vereins in Lissabon*. Lisboa.